

27 MAR 1987

JORNAL DO BRASIL

Alc p3

ANC 88
Pasta 26 a 31
março/87
040

Debate de constituintes com dom Ivo teve clima de sessão no plenário

Raquel Ulhoa

Brasília — A reunião entre dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e cerca de 90 parlamentares, para debater as propostas da Igreja católica para a nova Constituição, na quarta-feira, acabou se transformando na sessão noturna da Assembléia Constituinte.

Não faltou nenhum dos ingredientes de plenário: votação, pinga-fogo, campanha para conter os mais entusiasmados, bate-boca, proselitismo na tribuna e — reeditando as recentes discussões do Congresso Nacional — propostas para formação de comissões e subcomissões temáticas.

O convite do dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, foi aceito por um grupo eclético e suprapartidário. Havia de tudo: um ex-padre (senador Monsueto Lavor, PMDB-PE), uma ex-freira (deputada Irma Passoni, PT-SP), um ex-guerrilheiro (deputado José Genóino PT-SP), uma ex-presca política (deputada Moema São Thiago, PDT-CE) e um ex-pedessista (Ademar de Barros Filho, PDT-SP). Ao senador "católico apostólico romano", Meira Filho (PMDB-DF) coube o papel de implacável controlador dos três minutos, para a fala de cada político.

Quase todos os oradores recorreram a passagens da Bíblia — como o deputado e pastor evangélico Lysaneas Maciel (PDT-RJ) — para interpretar a missão dos constituintes. Ficou claro, porém, que a formação católica da maioria está muito defasada da prática atual da Igreja brasileira. Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, dormiu boa parte do tempo. "Nem todos esses políticos têm o dom da palavra, não é mesmo?", comentou depois.

Bate-boca

Os constituintes levaram para a reunião suas divergências políticas. O deputado Messias Góis (PFL-SE) decidiu usar o microfone para denunciar que "alguns padres estão incentivando os conflitos agrários". A reação foi imediata. O petista José Genóino, do fundo da sala, gritou "não apoiado" e reclamou: "Já falou muito". A resposta veio exaltada: "Se acha que já falei muito, retire-se". Do outro lado, alguém gritou: "Genóino é um chato", entre risinhos dos observadores leigos e sob o visível desconforto de dom Ivo Lorscheiter.

O senador Ronan Tito (PMDB-MG), a essa altura, havia se retirado. Usando smoking e acompanhado de sua mulher. Lais (de vestido longo), ele trocou o "lobby do clero" pela recepção que o presidente José Sarney oferecia ao seu colega português, Mário Soares. Mesmo sem usar a tribuna, Ronan, da chamada "esquerda católica", não poupava críticas à fala do companheiro e prometeu "chamar a atenção" de Meira Filho, que, discutindo a questão do aborto, insistia em repetir a palavra "estrupe" (e não estupro). "Ele não combina com o R", concluiu.

Missão pastoral

Uma das finalidades da CNBB é cuidar do relacionamento com os poderes públicos. Nossa missão não é política, mas pastoral. A Igreja deve ser fermento para a massa. Vocês não vieram aqui para ser doutrinados pela CNBB. Vamos conversar, trocar idéias — explicou dom Ivo, ao abrir a reunião. Segundo ele, a Igreja católica quer saber a posição dos constituintes sobre suas propostas — consolidadas no documento *Por uma nova ordem constitucional*, aprovado na 24ª Assembléia Geral de Itaipu (SP), em abril de 86.

O aborto e a reforma agrária foram os temas mais comentados pelos constituintes. Cada um marcou sua posição, transformando a reunião em pinga-fogo. A CNBB acabou curvando-se à prática política e promoveu três votações: para definir o tempo de cada orador, reduzi-lo e finalmente estabelecer que dom Ivo responderia a todos. O único consenso foi em torno do papel da Igreja no processo constituinte: mobilizar a população, através de suas pastorais.

O presidente da CNBB respondeu às críticas de Messias Góis: "Os conflitos estão aí. Mais ou menos todos, mas a Igreja garantiu o trabalho da Igreja pela participação no processo Constituinte, mas ressaltou: "Podemos ser protagonistas no campo social, mas conservadores em outros aspectos". Dom Ivo prometeu que a CNBB não será "cúmplice da desmoralização dos trabalhos da Assembléia". Como todo sessão plenária, a reunião entre CNBB e constituintes terminou com um afezinho na cantina.

Dom Ivo Lorscheiter se despede da CNBB

Brasília — Bife acebolado, omelete e farta salada. Este foi o cardápio do último almoço de dom Ivo Lorscheiter na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como presidente da entidade, cargo que ele ocupa há oito anos (dois mandatos consecutivos). Ontem, ele despediu-se do moderno prédio, localizado no Setor de Embaixadas Sul, após um almoço inédito — com os jornalistas que fazem a cobertura da CNBB.

A cantina da CNBB, até então, era um reduto proibido à imprensa. Antes de entregar o cargo a seu sucessor — que será eleito pelos bispos no próximo mês, na 25ª Assembléia Geral de Itaipu (SP), dom Ivo inaugurou, também, a prática de reuniões com políticos intensificando o Lobby da Igreja na Constituinte.

Durante o almoço — regado a caipirinha de cachaca e vinho branco —, dom Ivo disse não compreender as críticas feitas por grandes jornais à atuação da CNBB. "Nos tempos de ditadura eles nos apoiavam. Agora, publicam editoriais contra a Igreja. É incompreensível", queixou-se o bispo. Mas, ao avaliar seu último mandato, demonstrou satisfação: "A CNBB permaneceu coerente na pregação da verdadeira democracia e, na Nova República, o diálogo com o governo foi retomado".

No último encontro com José Sarney como presidente da CNBB, Dom Ivo entregou-lhe a lista dos 300 missionários estrangeiros impedidos pela Justiça brasileira de entrar no Brasil desde 1982. "Não fui e resolvi levar a lista, para que o presidente tomasse conhecimento", afirmou.